

RESTRIÇÃO EXTRALINGÜÍSTICA NO USO DE MARCADORES DISCURSIVOS*

Cláudia A. ROST SNICHELOTTO (Universidade Federal da Fronteira Sul)

RESUMO: Postulados por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), cinco princípios teórico-metodológicos norteiam as investigações sobre a variação e mudança linguísticas: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação. O princípio empírico da *restrição* diz respeito aos fatores condicionantes e às restrições linguísticas e extralingüísticas da mudança, ou seja, à verificação do que a condiciona ou o que lhe outorga possíveis condições de ocorrência. Neste artigo, objetivamos apresentar resultados da atuação de três fatores extralingüísticos sobre o comportamento variável de dois Marcadores Discursivos (MDs). Utilizamos três amostras do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), totalizando 140 entrevistas. São três as variáveis sociais controladas: sexo, idade e escolaridade. As ocorrências de MDs nas amostras foram submetidas ao modelo logístico de análise multivariacional VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; NARO, 1992). Valemo-nos, para sustentar as hipóteses, de resultados de trabalhos já desenvolvidos sobre o uso de MDs, principalmente no Português Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Restrição extralingüística. Variação. Marcadores Discursivos.

1. Introdução

Nas últimas décadas, Marcadores Discursivos (doravante designados como MDs)¹ têm sido objeto de investigação sob diferentes linhas teóricas e procedimentos metodológicos², porém não é consensual sua definição categorial³ tampouco o rol dos itens incluídos sob esse rótulo. Embora o estudo dos MDs se constitua terreno heterogêneo, o levantamento da literatura permite-nos vislumbrar algumas similaridades: MDs são “expressões que relacionam segmentos discursivos” (SCHIFFRIN, 1987; FRASER, 1999, p.193) e articulam diferentes valores semântico-pragmáticos: “tanto de caráter textual, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (GÖRSKI; ROST; DAL MAGO, 2004).

Diversos estudos da língua falada apontam que, dentre outras categorias, verbos de percepção visual tendem a derivar MDs. Em PB, notadamente nas entrevistas do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), focalizamos os MDs derivados de atos de fala manipulativo que codificam os MDs em contextos de P2:

- (1) **E:** E você não tinha assim algum sonho. Todo mundo tem quando é pequeno, pensar em ser alguma coisa. O que que você pensava em ser, os seus sonhos assim?

* Este artigo é um recorte do capítulo 7 da tese de Rost Snichelotto (2009) que analisou, dentre outros aspectos, o comportamento variável de MDs de base verbal em amostras do português brasileiro falado e escrito.

¹ A exemplo de Risso, Silva e Urbano (1996, p. 22), adotamos a designação *marcadores discursivos* – do inglês, *discourse markers*, cunhada primeiramente por Fanshel e Labov (1977) e adotada principalmente por Schifffrin (1987) – “[...] que nos parece mais adequada e abrangente do que a de *Marcadores Conversacionais*. Embora esta outra seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação, por sugerir, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação.”

² Os estudos dos quais temos conhecimento são: no português brasileiro ‘*olha* e *vê*’ (cf. CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; SILVA; MACEDO, 1996; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; URBANO, 1999; RISSO, 1999; TRAVAGLIA, 1999; ROST, 2002), no espanhol ‘*mira*’ e ‘*¿ves?*’ (cf. PONS BORDERÍA, 1998, 2001; CUENCA; MARIN, 2000; GALUÉ, 2002; DOMÍNGUEZ; ALVAREZ, 2005), no francês ‘*regarde*’ (cf. DOSTIE, 1998), no italiano ‘*guarda*’ (cf. WALTEREIT, 2002), no catalão ‘*a veure*’ e ‘*miri*’ (cf. MARIN JORDÁ, 2003) e no galego ‘*olla*’ e ‘*mira*’ (cf. DOMÍNGUEZ PORTELA, 2008).

³ Cunha e Cintra (2001), por exemplo, rotulam elementos dessa natureza como “palavras denotativas”.

F: **Olha**, eu achava muito bonito quando eu era pequena balé, né? [é] piano, sempre achei muito bonito quando tocavam piano e sempre gostei [é] assim [é] mais pro lado da medicina também, sabe? Eu sempre gostei de ver sangue [...] (VARSUL, Curitiba, entrevista n.º. 19).

(2) **E:** Porque a gente está fazendo esta entrevista com várias pessoas em vários bairros, né? e o pessoal que fala mesmo que antigamente, né? [por] <me-> por <ma-> menos que a gente estudasse, mas a escola era muito mais forte [era mais] puxava mais [pela] pela [cabeça da criança] e tal, né? Valia bem mais até do que




F: [Ah! Puxava sim.] Valia bem mais a pena estudar, né? Agora não vale a pena mais. Você manda a criança pra escola, chega lá, a professora não vem, né? Uma hora a professora não vem dar aula, outra hora tem reunião, né? outra hora por falta de material, outra hora que não sei o quê e assim vai indo, né? E as crianças passam <m-> maior parte do tempo deles em casa sem estudo, né? Você **vê**, então não adianta você batalhar, você sofrer pra você dar estudo pros teus filhos, né? Você faz de tudo pra dar uma coisa que você não pode. Você tira <daonde> você não tem porque você não vê um futuro mais tarde, né? (VARSUL, Curitiba, entrevista n.º. 08).

Com base no aparato teórico-metodológico variacionista, neste artigo objetivamos apresentar a atuação de fatores extralingüísticos sobre o comportamento variável dos MDs **olha** e **vê** (e suas variações)⁴ em três amostras sincrônicas atuais do VARSUL/SC. Os condicionadores sociais controlados foram sexo, idade e escolaridade. Valemo-nos, para sustentar as hipóteses, de resultados de trabalhos já desenvolvidos sobre o uso de MDs, principalmente no PB.

Levando em conta que a condição necessária para a variabilidade entre duas ou mais formas é sua equivalência em significado e seu uso no mesmo contexto (LABOV, 1978) e reconhecendo a natureza discursiva dos itens sob análise, acreditamos ser possível tratá-los como variantes, alternantes num mesmo contexto discursivo. Para isso, apoiamo-nos em Naro e Braga (2000) e Görski e Tavares (a ser publicado) que propõem o afrouxamento da noção de “mesmo significado referencial”, considerando a função/significação⁵ para que seja possível o tratamento variável de formas que compartilhem funções discursivas. Portanto, consideramos os MDs variantes de uma variável lingüística, alternantes num mesmo contexto discursivo. Em outras palavras: são formas que competem entre si num mesmo domínio funcional – no caso, o domínio da *chamada da atenção do ouvinte*.

Para levar a cabo a análise variacionista dos MDs, codificamos as ocorrências e identificamos os prováveis fatores extralingüísticos condicionadores do uso variável dos itens. Na sequência, dispensamos um tratamento quantitativo aos dados submetendo-os ao pacote estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988) com vistas a identificar os contextos de uso preferencial e variável das formas supostamente em competição. Devido ao número maior de ocorrências de **olha** em relação a **vê** nas amostras, elegemos a primeira variante como “aplicação da regra” e realizamos rodadas binárias opondo ambos os MDs.

Observado nosso objetivo mais amplo, este artigo está assim organizado: primeiramente, caracterizamos o *corpus* sincrônico do qual extraímos os dados para análise; na sequência, passamos à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos acerca da atuação das variáveis sociais no uso dos MDs; e, por fim, tecemos as considerações finais.

⁴ Adotamos como representantes das variantes em estudo as formas **olha** e **vê**. Embora essas formas apresentem realizações distintas para a primeira, *olha* ~ *olhe* ~  ~  ~  e para a segunda, *veja* ~ *veja* ~ *vê* ~ *vês*, inclusive construções como *olha só* e *veja bem*, escolhemos as derivadas do IND porque foram as mais recorrentes, considerando o critério de frequência, na pesquisa de Rost (2002), e as que têm uso mais generalizado nas entrevistas do Projeto NURC/Brasil (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), conforme Urbano (1999, 2006).

⁵ A noção de *função/significado* (cf. NICHOLS, 1984) remete ao papel discursivo dos elementos lingüísticos, no sentido de que não são propriamente os itens em estudo que portam significado referencial, mas as funções são depreendidas a partir do contexto de ocorrência dos itens.

2. Corpus sincrônico: entrevistas do Projeto VARSUL⁶

Para identificarmos as variáveis sociais que atuam no uso dos MDs, são utilizadas três amostras, totalizando 140 entrevistas do banco de dados VARSUL, conforme descritas a seguir.

A primeira amostra de dados de fala de informantes (doravante amostra 1) é composta por 24 entrevistas de quatro localidades do estado de Santa Catarina: Florianópolis (colonização açoriana), Blumenau (colonização alemã), Chapecó (colonização italiana) e Lages (núcleo descendente de gaúchos: caminho dos tropeiros RS ↔ SP).

As entrevistas de cada uma das cidades catarinenses estão estratificadas igualmente por idade (A = 25 a 49 anos; B = mais de 50 anos), sexo (M = masculino; F = feminino) e escolaridade (P = primária; G = ginásial; C = colegial)⁷, perfazendo 96 informantes, conforme quadro 1:

Localidades		Blumenau			Chapecó			Florianópolis			Lages		
Escolaridade		P	G	C	P	G	C	P	G	C	P	G	C
Idade	Sexo												
A	M	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	F	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
B	M	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	F	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Total parcial	M	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
	F	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
Total		24			24			24			24		
Total de 96 informantes													

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA 1 POR CIDADE

FONTE: Rost Snichelotto (2009, p. 208)

A segunda amostra (doravante amostra 2) se compõe somente de entrevistas dos informantes de Florianópolis, descendentes de açorianos, visto que, após a primeira fase de coleta de dados do Projeto do VARSUL, findada em 1996, foram inseridas novas entrevistas⁸, ampliando a faixa de idade (C = 07 a 14 anos⁹; J = 15 a 24 anos; A = 25 a 49 anos; B = mais de 50 anos) e a de escolaridade (P = primária; G = ginásial; C = colegial; U = universitária), totalizando 44 informantes, conforme quadro 2:

⁶ Para mais detalhamento acerca da constituição do VARSUL, consulte Vandresen (2005), Bisol (2005) e Costa (2005) ou o site do Projeto em <www.cce.ufsc.br/~varsul/>.

⁷ De acordo Knies e Costa (1996), *escolaridade primária* envolve de 4 a 5 anos de instrução; *ginásial*, de 8 a 9 anos de escolaridade; e *colegial* de 10 a 11 anos de escolarização.

⁸ “O banco foi acrescido de outras amostras referentes às localidades de Ribeirão da Ilha (Florianópolis, colonização açoriana) em 1996, São José do Norte/RS (colonização açoriana) em 2000, e Barra da Lagoa (Florianópolis, colonização açoriana) em 2001, entre outras.” (BRESCANCINI, 2002, p. 20).

⁹ É importante registrar o seguinte: no projeto de tese, apresentado na banca de qualificação em junho de 2008, prevíamos a análise da amostra da faixa de 7-14 anos, coletada no período de 2000 a 2002, pelas pesquisadoras Márluce Coan, Adriana Gibbon, Maria Alice Tavares e Mariléia Reis, a partir dos moldes delineados pelo Projeto VARSUL (COAN, 2003). No entanto, no rastreamento dos MDs nas entrevistas dessa faixa etária, infelizmente não houve produção de nenhum dos itens. Quanto à faixa etária dos jovens e ao grupo dos universitários, essa expansão do banco está sendo feita nas três capitais do Sul, mas não nas cidades do interior dos respectivos estados.

	Escolaridade							
	P		G		C		U	
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
J	2	2	2	2	2	2	-	-
A	2	2	2	2	2	2	2	2
B	2	2	2	2	2	2	2	2
Total parcial	6	6	6	6	6	6	4	4
Total	12		12		12		8	
Total de 44 informantes								

QUADRO 2 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA 2

FONTE: Rost Snichelotto (2009, p. 209)

A coleta adicional do VARSUL em Florianópolis permite que se proceda a uma análise do funcionamento dos MDs em tempo aparente, pois, ao se incluir a faixa etária de 15-24 anos, pode-se verificar se há indícios de mudança em progresso no uso de **olha** e **vê**. Conforme Paiva e Duarte (2003), sob a perspectiva laboviana, cada geração reflete um estágio de língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho linguístico dos falantes das faixas etárias mais avançadas. Por outro lado, sob a perspectiva funcionalista, a distribuição em tempo aparente pode ser indício de “gramaticalização em andamento” (cf. ANDROUSTOPOULOS, 1999 *apud* GÖRSKI; TAVARES, a ser publicado)¹⁰.

Além da variável faixa etária, a coleta adicional do VARSUL em Florianópolis também visou contemplar a ampliação dos níveis de escolaridade dos entrevistados. É de conhecimento comum que, na medida em que há aumento na escolarização, existirão mudanças na escrita e na fala das pessoas, ampliando-se o uso de formas de prestígio. Como a tradição gramatical e os manuais de oratória tendem a estigmatizar o uso de MDs em geral, tratando-os como “vícios de linguagem” e formas vazias e retardatárias do discurso, pode ocorrer diminuição na frequência dos MDs, proporcional ao aumento da escolarização. É o que aponta Freitag (2007, p. 31):

A motivação para o uso destas estruturas é funcional, porém [seu uso é] estigmatizad[o]. A origem do estigma que recai sobre os marcadores discursivos começa na escola. Por não serem normatizados, em aulas de língua portuguesa, os marcadores discursivos costumam ser alvo de repúdio, por parte dos professores ou até mesmo pela instituição.

Por fim, utilizamos, também do Projeto VARSUL, uma amostra complementar constituída pelas entrevistas de Curitiba (doravante amostra 3). Em face da natureza do objeto em estudo, que, num determinado ponto do seu processo de mudança funcional envolve o modo verbal imperativo e as formas pronominais de P2, pretende-se verificar se o uso dos MDs é sensível a fatores de natureza geográfica, notadamente pelo fato de se saber que, nos dados de Curitiba, não há nenhuma ocorrência do pronome *tu* (cf. MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002; LOREGIAN-PENKAL, 2004). A estratificação social dessa amostra complementar pode ser visualizada no quadro 3.

¹⁰ Voltaremos a essa discussão quando tratarmos da variável *idade* no capítulo 7.

	Escolaridade					
	P		G		C	
Idade \ Sexo	M	F	M	F	M	F
A	2	2	2	2	2	2
B	2	2	2	2	2	2
Total Parcial	4	4	4	4	4	4
Total	8		8		8	
Total de 24 informantes						

QUADRO 3 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA 3

FONTE: Rost Snichelotto (2009, p. 210)

3. Restrição extralinguística

O princípio empírico da *restrição*, postulado por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), remete à relevância da investigação das variáveis extralinguísticas que favorecem ou não o uso de um determinado fenômeno linguístico, ou seja, a verificação do que condiciona a mudança ou o que confere possíveis condições para que esta ocorra. Nessa direção, cabe a seguinte pergunta: Que variáveis sociais¹¹ condicionam o uso dos itens *olha* e *vê*?

De modo geral, acreditamos que as variáveis sociais que podem condicionar a atuação dos MDs podem ser: a) sexo; b) idade; e c) escolaridade. É importante mencionar que pesquisas sobre fenômenos discursivos realizadas com dados do Projeto VARSUL (DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001) constatarem a pouca influência de fatores sociais na escolha desses elementos, ao passo que, em outros trabalhos, como os de Tavares (1999, 2003), as variáveis sociais indicaram pistas da ocorrência de um processo de mudança linguística em andamento no uso de itens discursivos.

Foram localizadas 709 ocorrências dos MDs (e variações) nas quatro cidades do VARSUL/SC (amostra 1 – com 24 informantes por cidade) e 225 dados na capital catarinense (amostra 2 – com 44 informantes). Já em Curitiba (amostra 3 – com 24 informantes) foram encontradas 252 ocorrências.

Feitas essas considerações, na sequência, passamos à caracterização pormenorizada dos grupos de fatores¹², às suas respectivas hipóteses, bem como à análise e discussão dos resultados.

3.1 Sexo

a) Caracterização e hipóteses

Estudos variacionistas têm demonstrado que mulheres e homens apresentam comportamento distinto no uso de determinadas formas nos diversos segmentos da sociedade. Os falantes do sexo feminino tendem a mostrar maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (PAIVA; DUARTE, 2003) do que aqueles do sexo masculino.

¹¹ As hipóteses específicas sobre as variáveis sociais serão detalhadas nas seções a seguir. A seleção dessas variáveis se baseou principalmente no rastreamento de dados bibliográficos em PB disponíveis sobre MDs.

¹² Conforme previsto, testamos a variável *escolaridade*, dividida em três níveis (primário, ginásio e colegial) nas amostras 1 e 3 e quatro níveis na 2 (com a inserção dos universitários), tendo em vista que estudos variacionistas têm apontado efeitos interessantes dessa variável sobre o uso de formas discursivas variantes no PB. Citam-se, por exemplo, as pesquisas provenientes de amostras do VARSUL, como a de Martins (2003, p. 57) e Görski e Freitag (2006). No entanto, a exemplo dos resultados encontrados por Silva e Macedo (1989), esse grupo não se revelou interferente no uso dos MDs por nós investigados, uma vez que não foi selecionado como significativo pelo Programa estatístico e, por isso, não será apresentado e comentado aqui.

Vejamos então os resultados de alguns estudos sobre o uso de MDs. Silva e Macedo (1989, p.15), por exemplo, analisando a amostra Censo do Rio de Janeiro, tinham como hipótese que as mulheres tenderiam a se apoiar no maior emprego de MDs em geral devido a, em nossa sociedade patriarcal, se mostrarem mais polidas ao se comunicarem¹³. No caso específico dos “marcadores iniciadores de respostas”, como *olha*, *bom*, e *ah*, tal expectativa foi confirmada pelas autoras, pois as mulheres tenderam ao maior emprego de MDs iniciadores (p.40). Já quanto aos RADs, como *sabe?*, *entendeu?*, *né?*, não houve diferença no emprego desses itens por sexo. O mesmo se verificou em amostras do VARSUL/Florianópolis, embora Valle (2001) tenha atestado que há formas de uso preferencial pelos homens – *não tem?* e *entende?* – e pelas mulheres – *sabe?*.

O estudo de Rost (2002, p.120) evidenciou que as mulheres usam um pouco mais os marcadores **olha** e **vê** do que os homens. Quanto à escolha das variantes, as informantes tenderam ao emprego de **olha** em oposição aos informantes masculinos que optaram pelo uso de **vê**.

Saindo do âmbito do PB, vamos ver que alguns estudos também têm mostrado resultados que focalizam a frequência de uso dos marcadores por gênero. Dubois e Crouch (1975 *apud* MACAULAY, 2002, p. 294), ao estudar o uso de *tag questions* durante as seções de discussão após a apresentação de trabalhos em *workshops*, constataram que homens usaram-nas de modo mais intenso do que as mulheres. Inversamente, Holmes (1984, 1995 *apud* MACAULAY, 2002, p. 294), servindo-se de uma amostra de fala de homens e mulheres da Nova Zelândia, localizou mais uso de *tag questions* por mulheres do que por homens. Cameron *et al.* (1989 *apud* MACAULAY, 2002, p. 295), por sua vez, encontraram resultado semelhante a Dubois e Crouch (1975 *apud* MACAULAY, 2002), segundo o qual homens empregam o dobro de *tag questions* em relação às mulheres.

Erman (1993 *apud* MACAULAY, 2002, p. 295, grifo nosso), analisando dados de fala de 22 informantes do *corpus* London-Lund, demonstrou que “expressões pragmáticas”, derivadas de verbos como *you know*, *you see* e *I mean*, são mais empregadas pelos homens do que pelas mulheres e também dispõem de funções discursivas distintas para ambos os sexos. Enquanto os homens preferem empregá-las como mecanismos para testar a atenção do interlocutor, as mulheres usam-nas para conectar argumentos consecutivos.

Com base especialmente nos estudos de Silva e Macedo (1989) e Rost (2002), continuamos sustentando a hipótese geral de que as mulheres fazem maior uso dos MDs **olha** e **vê** do que os homens. Especificamente em relação às variantes, acreditamos que as mulheres usem mais o item **olha** e que os homens usem mais o **vê**. Qual a justificativa para essas hipóteses? Não temos uma razão clara para fundamentar nossas expectativas. Acreditamos que não haja prestígio social envolvido no uso desses MDs. Também tendemos a concordar com Coulthard (1991 *apud* MACAULAY, 2002) quanto ao fato de que a necessidade de ser polido não é determinada pelo sexo, mas depende das relações que se estabelecem face a face. É provável que haja interferência de alguma outra variável, especialmente de cunho estilístico-discursivo.

b) Resultados e discussão

Em ordem de relevância, na rodada geral da amostra 1, a variável *sexo* foi o sétimo grupo selecionado pelo Programa. No entanto, ressalte-se que, nas rodadas estatísticas por cidade, esse grupo foi selecionado como o segundo relevante para **olha** em duas localidades: Blumenau e Florianópolis 1. Todavia, nas rodadas das amostras 2 e 3, essa variável não se

¹³ Esse argumento é, porém, questionado por Coulthard (1991), para quem a necessidade de ser polido linguisticamente depende fundamentalmente das relações face a face.

revelou estatisticamente relevante. Vejamos, então, os resultados gerais para a variável *sexo* na tabela 1:

TABELA 1 - Influência da variável *sexo* sobre o uso de *olha* em relação a *vê* (Amostras 1, 2 e 3)

	Amostra 1												
Sexo	Blumenau			Chapecó		Florianópolis 1			Lages		RESULTADO GERAL		
	Ap/T	%	PR	Ap/T	%	Ap/T	%	PR	Ap/T	%	Ap/T	%	PR
F	27/30	90	0,93	49/65	77	31/46	67	0,70	85/118	72	268/335	80	0,60
M	18/31	58	0,07	13/27	48	20/37	54	0,26	70/90	78	193/257	75	0,38
Total	45/61	74		62/92	68	51/83	61		155/208	75	461/592	78	
	Input: .97 Sig.: .033 2º selecionado			Não selecionado		Input: .69 Sig.: .050 2º selecionado			Não selecionado		Input: .97 Sig.: .048 7º selecionado		
	Amostra 2			Amostra 3									
	Florianópolis 2			Curitiba									
	Ap/T		%	Ap/T		%							
F	62/80		77		68/169		40						
M	73/97		75		20/72		28						
Total	135/177		76		88/241		37						
	Não selecionado			Não selecionado									

Fonte: Rost Snichelotto (2009, p. 347)

Conforme os resultados da rodada geral da amostra 1, as mulheres tendem favoravelmente ao emprego do MD **olha** (0,60), em oposição aos homens que elegem o MD **vê** (0,62). No estado catarinense, essa tendência é corroborada de forma bastante acentuada em Blumenau, que polariza os resultados (PR de 0,93 para uso de **olha** pelas mulheres e 0,93 para o uso de **vê** pelos homens) e, em Florianópolis 1, além da diferença percentual significativa verificada também em Chapecó. Já Lages apresenta leve inversão nesse quadro (em termos de frequência, os homens apresentam diferença de 6 pontos percentuais a mais do que as mulheres para o uso de **olha**). Curiosamente, em Florianópolis 2, com a entrada de jovens e universitários, a variável gênero perde a significância estatística constatada em Florianópolis 1, neutralizando-se a diferença entre homens e mulheres quanto ao uso desses MDs. Já no estado paranaense, embora as mulheres continuem preferindo **olha** e os homens **vê**, o percentual de uso de **olha** só chega a 40%. Ou seja, Curitiba é a única cidade das amostras analisadas onde o MD **vê** lidera, em ambos os gêneros, no papel de codificar o domínio da *chamada da atenção do ouvinte*.

Esses resultados ratificam, parcialmente, os apontados por Silva e Macedo (1989) e Rost (2002). Olhando para as colunas do total de dados de cada amostra, verificamos que, de fato, as mulheres usam mais MDs do que os homens, à exceção de Florianópolis 2. Constatamos, também, que as mulheres empregam mais **olha** enquanto os homens preferem **vê**, à exceção de Lages. Por fim, observamos ainda que, na cidade de Curitiba, o MD mais empregado por homens e mulheres, nessa ordem, é **vê**.

Alguns trabalhos na área da sociolinguística (cf. PAIVA; DUARTE, 2003) mostram que as mulheres são mais suscetíveis à inovação linguística, principalmente em relação às variantes de prestígio. Inversamente, conforme Trudgill (1979), a inovação parte dos informantes masculinos quando a mudança ocorre em direção oposta às da norma de prestígio. Na maioria dos trabalhos sociolinguísticos relatados por Macaulay (2002), cujos

resultados foram apresentados, os homens usam mais certos marcadores do que as mulheres. No nosso estudo, assim como no de Silva e Macedo (1989) sobre os “marcadores iniciadores de respostas”, se verifica o inverso. Conforme já salientamos, não parece haver avaliação valorativa, seja de estigma seja de prestígio, para nenhum dos MDs. No entanto, um estudo sobre avaliação social desses itens ainda precisaria ser realizado, tarefa que deixamos para uma pesquisa posterior.

Um cuidado especial deve ser tomado, no caso do fenômeno que estamos analisando, visto que a mudança mais evidente é funcional, no sentido que uma mesma forma vai ampliando suas possibilidades de funcionamento discursivo. Em se tratando de variação, os condicionamentos verificados poderiam ser relacionados à mudança se tivéssemos indícios de mudança em progresso a partir dos resultados da variável idade. Na seção seguinte voltaremos a essa questão.

3.2 Idade

a) Caracterização e hipóteses

A variável idade tem se mostrado relevante em alguns estudos acerca do uso de MDs. Esse fato é bastante significativo, tanto no âmbito dos estudos variacionistas como na esfera dos estudos funcionalistas sobre gramaticalização.

Na perspectiva laboviana de mudança, as diferenças linguísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes (cf. PAIVA; DUARTE, 2003, p. 14). Além disso, como o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio de língua, os grupos etários mais jovens podem introduzir novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho linguístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas; trata-se, nesse caso, de *mudança geracional* – quando certa variante começa a ser valorizada por alguns indivíduos e, gradativamente, passa a exercer efeito sobre toda a comunidade (cf. LABOV, 1994). Ainda, se o comportamento dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e a comunidade se mantém também estável, não há variação a analisar e tem-se *estabilidade*; se os falantes mudam seu comportamento linguístico durante suas vidas – geralmente por influência do mercado de trabalho –, mas a comunidade como um todo permanece a mesma, o padrão pode ser caracterizado como *gradação etária*. Entretanto, ressalve-se que as diferenças de efeito associadas às faixas etárias não podem ser tomadas como indicadores indiscutíveis e conclusivos de mudança em curso. Assim, é importante perceber se estamos diante de uma mudança que acontece caracteristicamente numa dada faixa etária, ou se estamos diante de uma mudança em progresso que perpassa as diferentes faixas etárias e se estabelece na gramática da língua.

Estudos de variação no discurso revelam comportamento distinto em termos de idade. Dubois (1993 *apud* MACAULAY, 2002, p. 296), por exemplo, examinando cuidadosamente “extension particles”, constatou que os mais jovens usam-nas mais frequentemente do que os mais velhos. Vincent (1993 *apud* MACAULAY, 2002, p. 296), por sua vez, investigou as partículas de exemplificação, como *par exemple, comme, genre, disons*, etc., e encontrou frequências semelhantes às de Dubois, mas o decréscimo não se mostrou significativo e gradual ao longo do tempo. Os resultados da pesquisa de Macaulay (1991, 1995 *apud* MACAULAY, 2002, p. 298) a respeito de MDs e *tags* de finalização mostram que adolescentes empregam menos *you know* que os adultos investigados.

No que se refere ao uso variável dos MDs, Silva e Macedo (1989, p. 15) tinham como hipótese geral que quanto menor fosse a faixa etária, maior seria a utilização de marcadores.

No caso específico dos “marcadores iniciadores de respostas” e dos RADs, porém, os resultados revelaram que a idade não se mostrou uma variável interferente.

Diferentemente, nas amostras do VARSUL, Martins (2003, p. 52), controlando duas faixas etárias, constatou que, na região Sul, os informantes mais velhos fazem mais uso dos marcadores *bom* e *bem* do que os mais novos; e, no que se refere aos itens individualmente, os mais novos tendem mais ao uso de *bom*, enquanto os mais velhos favorecem o uso de *bem*. Valle (2001, p. 152) também encontrou evidências favoráveis à hipótese geral de Silva e Macedo (1989), pois, na amostra analisada de Florianópolis, com o controle de três faixas etárias, os itens *sabe?*, *entende?* e *não tem?* são majoritariamente utilizados pelos informantes mais jovens, diminuindo proporcionalmente ao aumento da idade. Inserindo na análise dos RADs também o marcador *tá?*, Görski e Freitag (2006, p. 36) mostram que há comportamento polarizado na distribuição de *tá?* (usado preferencialmente pelos mais velhos) e de *não tem?* (usado predominantemente pelos mais jovens), enquanto *sabe?* e *entende?* se distribuem numa linha ascendente mais regular, com uso crescente à medida que a idade diminui. Os resultados de Rost (2002, p. 120) para *olha* e *veja*, considerando apenas duas faixas etárias (25 a 49 e acima de 50 anos), também mostraram que a faixa de menos idade utiliza com mais frequência esses MDs; e quanto à escolha da variante, os mais velhos preferem *olha* e os de idade mais baixa optam preferencialmente por *vê*.

Dada a natureza discursiva do objeto sob análise e considerando os resultados mencionados, esperamos que haja distribuição crescente de frequência de uso de ambos os MDs à medida que a faixa etária diminua, de modo que os jovens utilizarão mais esses MDs que os adultos, que, por sua vez, farão mais uso desses itens que os mais velhos. Teríamos a distribuição de frequência assim delineada: jovens > faixa intermediária > mais velhos.

Quanto ao uso preferencial por uma ou outra forma, acreditamos que a faixa etária mais jovem (15 a 24 anos), bem como a faixa mais velha (acima de 50 anos), tenderão ao emprego de *olha*, enquanto a faixa intermediária de 25 a 49 anos vai privilegiar o item *vê*. Embora não haja avaliação social aparente associada a esses MDs, não descartamos a possibilidade de haver alguma relação com o fator “mercado de trabalho”.

Nesse sentido, como se disse, estamos aventando a hipótese de Labov (1994) de que é possível captar as diversas etapas de um processo de mudança através de uma escala em tempo aparente obtida por meio de um estudo com falantes de idades diferentes, denominado gradação etária.

Naro (1992, p. 82) prevê a hipótese de que o falante, de fato, mude sua língua no decorrer dos anos devido a pressões sociais¹⁴. Todavia, no caso dos MDs que analisamos, o informante não opta entre uma forma estigmatizada ou não-estigmatizada, mas, provavelmente, por uma forma menos marcada ou mais marcada, ou, ainda, por uma forma com traços mais, ou menos, interativos.

b) Resultados e discussão

Na rodada geral da amostra 1, a variável *idade* não se mostrou significativa pelo Programa, tampouco nas rodadas estatísticas por cidade e nem na rodada da amostra 3. Todavia, na rodada da amostra 2, essa variável se revelou o segundo grupo estatisticamente relevante. Vejamos, então, os resultados gerais para a variável *idade* na tabela 2:

¹⁴ Naro (1992, p. 82) apresenta duas posições teóricas subjacentes à mudança linguística. A primeira postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável. E a segunda frontalmente contradiz a primeira, pois comprova que o falante muda sua língua no decorrer dos anos devido a pressões sociais. Conclui-se, segundo Naro, que o falante modifica sua língua no decorrer dos anos enquanto que a hipótese clássica pretende a estabilidade da língua depois da puberdade.

TABELA 2 - Influência da variável *idade* sobre o uso de *olha* em relação a *vê* (Amostras 1, 2 e 3)

	Amostra 1									
Idade	Blumenau		Chapecó		Florianópolis 1		Lages		RESULTADO GERAL	
	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%	Ap/T	%
15 a 24	-	-	-		-	-	-	-	-	-
+ de 50	14/24	58	24/35	69	36/48	75	75/96	78	217/271	80
25 a 49	31/37	84	39/57	68	15/35	43	80/112	71	244/321	76
Total	45/61	74	63/92	68	51/83	61	155/208	75	461/592	78
	Não selecionado		Não selecionado		Não selecionado		Não selecionado		Não selecionado	
	Amostra 2			Amostra 3						
	Florianópolis 2			Curitiba						
	Ap/T	%	PR	Ap/T	%					
15 a 24	33/37	89	0,99	-	-					
+ de 50	72/89	81	0,39	37/90	41					
25 a 49	30/51	59	0,09	51/151	34					
Total	135/177	76		88/241	37					
	Input: .93 Sig.: .001 2º selecionado			Não selecionado						

Fonte: Rost Snichelotto (2009, p. 353)

Consideremos, inicialmente, a hipótese relativa à frequência de uso dos MDs por faixa etária. Observando os resultados dispostos nas colunas do total de cada amostra e comparando inicialmente as faixas de 25 a 49 e de mais de 50 anos, notamos que é, na primeira faixa, que se concentra o maior número de ocorrências de MDs – à exceção de Florianópolis –, conforme nossa expectativa. Focalizando a amostra 2, verificamos que é justamente entre os mais velhos que há maior uso de MDs ($89/177 = 50\%$) e entre os mais jovens que há menor emprego ($37/177 = 21\%$), invertendo-se o resultado face a nossa hipótese inicial. A capital catarinense se particulariza, pois, em relação ao comportamento dos informantes, por faixa etária, em relação ao uso dos MDs **olha** e **vê**, evidenciando a seguinte escala em termos de maior a menor frequência de uso: mais velhos > faixa intermediária > jovens.

Olhando agora para cada um dos MDs, na rodada geral da amostra 1, resultados percentuais apontam que **olha** apresenta frequência relativamente alta entre os informantes das duas faixas etárias (80% para os informantes com idade superior a 50 anos e 76% para os informantes de 25 a 49 anos). A diferença entre as faixas, nas cidades da amostra 1, vai se mostrar em Blumenau e em Florianópolis 1, invertendo-se os resultados nessas duas cidades: em Blumenau são os da faixa intermediária que usam mais **olha** e em Florianópolis 1 são os mais velhos que privilegiam esse MD.

Os resultados que mais chamam atenção são os concernentes à amostra 2, quando se incluíram os dados de jovens florianopolitanos e de universitários. Em termos probabilísticos, é na faixa de 25 a 49 anos que se concentra o maior uso do MD **vê** na capital catarinense, enquanto que o MD **olha** é altamente favorecido entre os informantes da faixa etária jovem (0,99 de PR) e fortemente inibido na faixa intermediária (0,09), conforme nossa expectativa. Esses resultados reforçam a hipótese de Traugott (2002) e Traugott e Dasher (2005) de que muitas mudanças são iniciadas pelos adultos jovens, principalmente transmitidas pela força da autoridade educacional, jurídica, política ou religiosa, não pelas crianças, devido à falta de

maturidade para compreender complexas inferências envolvidas e funções discursivas da estrutura textual. A justificativa para essa hipótese recai no fato de que a inovação e mudança não ocorrem primeiramente no processo de aquisição ou percepção de uma nova língua, mas são motivadas por escolhas ao longo das práticas discursivas e sociais de interação entre falante e ouvinte. Essa posição dos autores é corroborada pelo fato de não termos encontrado nenhuma ocorrência dos MDs **olha** e **vê** nas entrevistas das crianças.

Na rodada da amostra 3, os resultados percentuais indicam a menor frequência de uso do MD **olha** entre os informantes das duas faixas etárias, ou seja, a preferência dos informantes curitibanos é pelo emprego do MD **vê**, como já se afirmou anteriormente. Ao se comparar as duas faixas etárias de informantes, aqueles com 25 a 49 anos apresentam menos frequência de uso desta variante (34%) do que os da faixa etária mais velha (41%).

A partir dos resultados da amostra 2, duas considerações gerais podem ser feitas: (i) sob a ótica sociolinguística, ao se observar os resultados quanto ao emprego do MD **vê**, pode estar ocorrendo entre os falantes florianopolitanos o que se denomina *gradação etária*, isto é, os falantes mudam seu comportamento linguístico durante suas vidas – geralmente por influência do mercado de trabalho –, mas a comunidade como um todo permanece a mesma, isto é, mostra preferência pela primeira variante; (ii) sob a ótica funcionalista, estamos aventando que a distribuição em *tempo aparente* pode estar indicando “gramaticalização em andamento” (cf. ANDROUSTOPOULOS, 1999, *apud* GÖRSKI; TAVARES, a ser publicado). Dessa maneira, os resultados apontam que o aumento da frequência de **olha** na faixa etária mais jovem (15 a 24 anos) pode significar que o processo de gramaticalização desse MD está avançando.

Arriscamos a hipótese de que os itens, ao longo do tempo, vão assumindo funções de caráter mais textual e/ou se especializando em contextos particulares. Nesse sentido, o uso de uma forma não exclui a outra, mas cada uma delas vai, gradativamente, atuando em contextos cada vez mais delimitados. Em suma, não teríamos o uso generalizado de um item em detrimento do outro, mas uma espécie de divisão de tarefas. Conforme verificado na análise da variável *contexto de atuação discursiva*, parece ocorrer, em alguns contextos, “especialização por especificação”, em que cada camada/variante vai adquirindo significados específicos e/ou passa a preponderar em contextos sociolinguísticos distintos, podendo vir a acarretar o fim da competição (cf. GÖRSKI; TAVARES, a ser publicado). Assim, a exemplo do que ponderamos quanto à variável sexo, também no que se refere à idade cogitamos a possibilidade de haver interferência de outras variáveis linguísticas/discursivas, especialmente as de natureza discursiva, como o “contexto de atuação” ou a “sequência discursiva (tipo textual)”.

Ademais, vale destacar que nem todo indício de mudança em curso detectado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente do fator idade na amostra em estudo. É preciso atentar para a possibilidade de atuação simultânea de outras forças. Nessa direção argumenta Freitag (2005, p. 110): “Somente observação de um fenômeno em tempo aparente não permite identificar se trata-se de uma mudança em progresso ou não”. Assim, a autora destaca os riscos que se corre em falsas interpretações de processos de variação e mudança ao se considerar apenas a faixa etária como representação cronológica da vida do indivíduo. Para justificar sua afirmação, reporta-se ao trabalho de Eckert (1997) segundo o qual, ao se considerar o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos, pode-se levar ao erro de interpretação entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária.

Isso porque, de acordo com Eckert (1997), o comportamento linguístico de todos os indivíduos muda no decorrer de sua vida. E as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças linguísticas históricas. São mudanças decorrentes da história do indivíduo. Nascemos, crescemos, nos tornamos adultos, envelhecemos. A cada etapa do ciclo vital, mudanças de ordem biológica e social

ocorrem e refletem também na sua língua, é o que Eckert denomina de curso da vida linguística. A aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Logo, a faixa etária não pode ser encarada como um fator simples. Ao contrário, é extremamente complexo, e é preciso muita atenção ao interpretar os resultados de um fenômeno de mudança em função das faixas etárias (FREITAG, 2005, p. 111).

4. Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa apontam ser possível tratar os MDs **olha** e **vê** como variantes de uma variável linguística, alternantes num mesmo contexto discursivo. Em outras palavras: podem ser tratados como formas que competem entre si num mesmo domínio funcional – no caso, o domínio da *chamada da atenção do ouvinte*. Além disso, a análise variacionista foi conduzida no sentido de tentar responder, dentre outras, à seguinte questão: “Que variáveis sociais condicionam o uso dos itens *olha* e *vê*?”

- sobre o *sexo*: as mulheres usam preferencialmente o MD **olha** e os homens **vê**, especialmente em Santa Catarina;

- sobre a *idade*: em Florianópolis, a faixa etária dos *jovens* tende fortemente ao uso do MD **olha** e a faixa *intermediária* tende ao uso de **vê**; e a dos mais velhos, embora em termos percentuais também usem bastante **olha**, o PR associado desfavorece esse MD.

- sobre a *escolaridade*: a exemplo dos resultados encontrados por Silva e Macedo (1989), esse grupo não se revelou interferente no uso dos MDs investigados, uma vez que não foi selecionado como significativo pelo Programa estatístico e, por isso, não foi apresentado e comentado neste artigo.

Em suma, o domínio da *chamada da atenção do ouvinte* codificado pelos MDs **olha** e **vê** encontra terreno variável entre os informantes catarinenses.

Referências

- CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-279.
- DAL MAGO, Diane. **Quer dizer**: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis/SC, 2001.
- DOMÍNGUEZ, Carmen L.; ÁLVAREZ, Alexandra. Marcadores en interacción: um estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.
- DOMÍNGUEZ PORTELA, Soraya. **Olla e mira, dous marcadores discursivos en tres linguas**: portugués, galego e español. 2008. [não publicado]
- DOSTIE, Gaetane. Deux marqueurs discursifs issus de verbes de perception: de *écouter/regarder* à *écoute/regarde*. **Cahiers de lexicologie** 73, 1998. p. 85–106.
- FRASER, Bruce. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v.31, 1999, p.931-952.
- FREITAG, Raquel M. Ko. Idade: uma variável sociolingüística complexa. **Línguas & Letras** (UNIOESTE), v. 6, p. 105-121, 2005.

- _____. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Interdisciplinar**: Revista de estudos de língua e literatura, v. 4, p. 22-43, 2007.
- GÖRSKI, Edair M.; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. **Funcionalismo e Gramaticalização**: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004.
- _____. A questão do *continuum* na interface variação/gramaticalização. In: **7º Encontro do Celsul**. Palotti: Pelotas, 2006.
- _____.; FREITAG, Raquel M. Ko. Marcação e comportamento sociolingüístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 28-50.
- _____.; TAVARES, Maria Alice. **Teoria da variação/mudança e funcionalismo lingüístico**: (in)compatibilidades? [no prelo].
- LABOV, William. **Where does the linguistic variable stop?** A response to Beatriz Lavandera. In: Sociolinguistics Working Paper, Austin: Southwest Educational development laboratory, 1978. n. 44.
- _____. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- MACAULAY, Ronald. Discourse variation. In: CHAMBERS, K. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 283-305.
- MARÍN JORDÀ, Maria Josep. **Discurs i gramaticalització**: verbs de percepció usats com a marcadors discursius en el debat electoral. 2003. 686 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departament de Filologia Catalana, Universitat de València, València, 2003.
- MARTINS, Ladigenia. **Bem e bom e suas multifunções na fala da região sul do Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis/SC, 2003.
- MENON, Odete P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 147-188.
- NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- _____.; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolingüística/gramaticalização. **Gragoatá**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Niterói, n. 9, 2º semestre, 2000.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia.(Orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PINTZUK, Suzan. **Varbrul programs**. 1988. [mimeo]
- PONS BORDERÍA, Salvador. Oye y mira o los límites de la conexión. In: ZORRAQUINO, Maria Antonia Martin *et al.* (Eds.). **Los marcadores del discurso**: teoría y análisis. Madrid: Arco Libros, 1998. p.213–228.
- RISSO, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII.
- _____. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, Clélia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 (Construção do texto falado), p. 427-496.

- ROST, Cláudia A. **Olha e veja**: multifuncionalidade e variação. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2002.
- ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. 2009. 411f. **Olha e vê**: caminhos que se entrecruzam. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITMAR, Norbert; MATTEIR, Klaus. (Eds.). **Sociolinguistics**: an international handbook of the science of language and society. New York: Walter de Gruyter, 1988.
- SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Giselle M. O. Anatomia e fisiologia dos marcadores não-prototípicos. In: NEVES, Maria H. de. (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. VII: Novos Estudos, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p.297-347.
- _____.; MACEDO, Alzira. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). **Revista Tempo Brasileiro**, 1989. p. 11-49.
- TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis/SC, 1999.
- _____. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis/SC, 2003.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, Donka; STOCKWELL, Robert (Eds.). **Studying the History of the English Language**: Millennial perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.
- _____.; DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In: E.C.TRAUGOTT; B. HEINE, B. (Eds.). **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.
- URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII. 1999.
- VALLE, Carla. **Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?**: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis/SC, 2001.
- WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda. **Linguistics** 40–5, 2002. p. 987–1010.